

CIDADE   DOS   COVARDES

(PEÇA EM UM ATO)

Grupo Universitário J. L. da Nova Cruz

CIDADE DOS COVARDES é uma peça em um ato, que surgiu a partir de uma idéia de Fernando Moreira, com textos originais de Albert Camus, Fernando Pessoa, Paul Éluard e Eurico Sacco, além de textos desse último inspirados em Kafka e Durrenmatt.

A seleção de textos é de Fernando e Eurico.

|                            |                         |
|----------------------------|-------------------------|
| ELENCO - ATOR X.....Eurico | SECRETARIA.....Patrícia |
| HOMEM.....Nilson           | RÉU.....Fernando        |
| NADA.....Patrícia          | ALGOZ.....Navarro       |
| PODER.....Navarro          | CAMPONES.....Patrícia   |
| GUARDIAO.....Nilson        |                         |

DIREÇÃO - Eurico

#### ILUMINAÇÃO

Concepção - Fernando e Eurico  
Montagem - Molina e Jeovane  
Execução - Jeovane

#### SONOPLASTIA

Seleção - Fernando e Eurico  
Gravação - L. Fernando  
Execução - Molina

#### FIGURINO

Concepção - Eurico  
Desenho - Luís Décio  
Confecção - o Grupo

#### CENÁRIO

Concepção - Fernando e Eurico  
Maquete - Eurico  
Confecção - O grupo

MAQUILAGEM e CONTRA-REGRA- Ivone Belém

#### DIVULGAÇÃO

Criação de Cartazes e Programas - Eurico  
Confecção de Cartazes e Programas - UFPEL  
Distribuição de Cartazes - O grupo  
Notas para a Imprensa - Ivone Belém  
DIREÇÃO GERAL - Fernando e Eurico

## CENA I

Cortina abre em blecaute, enquanto começa música "Poema da Virgem", em surdina e aumentando, e foco em resistência aumentando sobre Ator X no proscênio.

ATOR X - Há doenças piores que as doenças,  
Há dores que não doem, nem na alma  
Mas são dolorosas mais que as outras.  
Há angústias sonhadas mais reais  
Que as que a vida nos traz, há sensações  
Sentidas só com imaginá-las  
Que são mais nossas do que a própria vida.  
Há tanta coisa que, sem existir,  
Existe, existe demoradamente,  
E demoradamente é nossa e nós...  
Por sobre o verde turvo do amplo rio  
Os circunflexos brancos das gaivotas...  
Por sobre a alma o adejar inútil  
Do que não foi, não pôde ser, e é tudo.  
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

Baixa luz. Sai AtorX.

## CENA II

Colocar-se mesa e cadeira, à D. Muda música para "Dança das sombras", enquanto aumenta luz geral. Entra Homem, percorrendo o palco, apavorado, entrando logo depois Nada bêbedo, sem entender a reação do Homem. Música estridente. Homem prostra-se, amedrontado, cobrindo a cabeça com as mãos, ficando à E. Entra Soldado, empurrando Nada para a D, ficando ele no meio do palco. Baixa luz geral, ficando focos intensos sobre os atores, formando um espaço por onde eles se movimentarão.

PODER - (Para a platéia) Ordem do Governador. (Lendo) Que todos se retirem e retomem suas tarefas. (Para a platéia) Os bons governos são aqueles em que coisa alguma acontece. (Lendo) É vontade do Governador que nada se passe em seu governo, a fim de que permaneça tão bom como sempre tem sido. Fica, pois, afirmado aos habitantes desta cidade, que, no dia de hoje, nada acontece que valha a pena, cause alarme ou desordem. Eis porque cada cidadão, a partir desta sexta-feira, deverá considerar mentira o aparecimento de qualquer cometa no horizonte da cidade. Os rebeldes a essa decisão, os habitantes que comentarem cometas de outra maneira que não seja como fenômenos siderais passados ou para vir, serão punidos com o rigor da lei. (Vai saindo)

NADA - (Bêbedo, dá um arisada. PODER se volta) Vejam! Eu que não sou nada, luz desta cidade, pela cultura e pela sabedoria; bêbedo por desdém de todas as coisas e por nojo das honrarias; ridicularizado pelos homens por ter preservado a liberdade de desprezar... eu, Nada, faço questão de lhes fazes, após este fogo de artifício, uma advertência gratuita: estamos nisso e cada vez mais vamos estar nisso! Mas, reparem bem: já estávamos. Era preciso, porém, um bêbedo para o perceber. Onde estamos, então? Cabe a vós, homens da razão, adivinhá-lo. Quanto a mim, tenho opinião formada, desde sempre, e estou fiel aos meus princípios: a vida vale a morte; o homem é a madeira da qual se fazem as fogueiras. Acreditai-me: os aborrecimentos vão chegar. Este cometa é um mau agouro. E é um alerta... Talvez tudo isso vos pareça inverossímil. Já esperava que assim fosse. Do momento em que tenham feito suas três refeições, trabalhando suas oito horas e divertido suas duas mulheres, pensam que tudo está em ordem. Mas não! Os homens não estão em ordem, estão em fila. Bem alinhados, a fisionomia plácida, maduros para a calamidade. Va-

mos, brava gente, a advertência está feita - e eu estou em paz com a minha consciência. Aliás, não vos preocupeis: há quem se ocupe de vós, lá em cima. E bem sabeis o que resulta disso: eles não são nada cómodos.

PODER - Não blasfemes, Nada! Há muito tempo andas tomando liberdades censuráveis com o Céu.

NADA - Falei, por acaso, em Céu, Juiz? Aprovo o que ele faz, de todas as maneiras. Sou juiz a meu modo. Li nos livros, que mais vale a pena ser cúmplice do Céu, do que sua vítima. Aliás, tenha a impressão de que o Céu não está em causa. Pelo pouco que os homens se preocupam em quebrar vidros e cabeças, já devem ter percebido que Deus - aliás um grande conhecedor de música - não passa de um menino de coro.

PODER - São os libertinos de tua espécie que atraem sobre nós as desconfianças celestes, os alertas do céu. Porque é realmente um alerta. Transmitido a todos os que tem o coração corrompido. Acautelai-vos, para que efeitos mais terríveis não sobrevenham, e rezai a Deus para que Ele perdoe vossos pecados. De joelhos, pois! De joelhos, digo-vos. Temei o Céu! Temei o Céu e ajoelhai-vos!

NADA - Não posso ajoelhar-me: tenho o joelho duro. Quanto a temer, já tudo previ... mesmo o pior. Quero dizer: tua moral.

PODER - Não crês mesmo em nada, desgraçado?

NADA - Em nada deste mundo, a não ser no vinho. E em nada do Céu.

PODER ♦ Perdoai-o, meu Deus, ele não sabe o que diz. E preservai esta cidade de vossos filhos... Vamos, todos vós: apressai-vos! As coisas estão andando muito devagar nesta cidade. O povo daqui não é trabalhador: é visível que prefere o ócio. Quanto a mim, só admito a inatividade nas casernas e nas filas. Esse tipo de ócio, sim, é bom: esvazia o coração e as pernas. É um ócio que não serve para nada. Apressemo-nos! Acabai de erguer minha torre: a vigilância não está instalada. Cercai a cidade de sebes espinhosas. Cada pessoa tem sua primavera - a minha dá rosas de ferro. Acendei os fornos, que são nossos fogos festivos. Guardas! Colocai nossas estrelas sobre as casas daquais pretendo ocupar-me! E vós, cara amiga, começai a redigir nossas listas e providenciai nesses certificados de existência.

HOMEM - Para quê um certificado de existência?

PODER - Respondei-lhe, cara amiga.

Nada transforma-se em secretária.

SECRET.-Para quê? Como iríeis vos arranjar, para viver, sem um certificado de existência?

HOMEM - Até agora vivemos muito bem, sem isso.

SECRET.-Porque não éreis governados, enquanto agora o sois? E o grande princípio de nosso governo, justamente, que sempre se tem necessidade de um certificado. Podemos passar sem pão, sem mulher, mas um atestado em regra, que certifique não importa o quê, eis aí uma coisa de que não nos podemos privar!

PODER - Bela resposta, cara amiga!

HOMEM - Há três gerações, em minha família, lançamos rede, e o trabalho sempre foi feito limpamente. E, juro-vos, sem qualquer papel escrito. Somos açougueiros de pais a filhos. E nunca nos servimos de um certificado para abater um carneiro

PODER - Conquanto não éreis nada!

SECRET.-Estáveis na anarquia, eis tudo. Reparai que nada temos contra os ma-

tadouros. Pelo contrário! Mas introduzimos neles os benefícios da contabilidade. Nossa superioridade está nisso. Quanto a atirar redes, vereis que também temos uma extraordinária habilidade... Senhor Primeiro Alcaide, já tendes os formulários?

PODER- Ei-los.

SECRET.-Guardas, por favor: fazei com que este senhor se aproxime.

PODER - Ordenai que se iniciem os grandes trabalhos inúteis. Vós, cara amiga, preparai o valança das deportações e das concentrações. Ativai a transformação dos inocentes em culpados, para que a mão-de-obra seja satisfatória. Deportai o que for importante. É verdade que vamos ter falta de homens. Onde está o censo da cidade?

SECRET.-Está sendo feito. Tudo vai bem e parece-me que esta boa gente já me compreendeu.

PODER - Tendes uma ternura à flor da pele, cara amiga. Sentis necessidade de compreensão. É um defeito em nossa profissão. Essa boa gente, como dizeis, nada compreende, naturalmente. Mas isso não tem importância: o essencial não é que compreendam, o essencial é que se executem... Reparai! é uma ~~XXX~~ expressão que tem seu sentido, não achais?

SECRET.-Que expressão?

PODER - Executar-se! Vamos, vós aí, executai-vos, executai-vos! Heim? Que bela fórmula!

SECRET.-Magnífica!

PODER - Magnífica! Nela encontramos tudo. De início, a imagem da execução, que é uma imagem enternecedora... Depois, a idéia de que o que se executa colabora na sua própria execução - que é o objetivo e a consolidação de todo bom governo. (Para o Homem) Que é? Não é um acaso, homem! Trata-se, aqui, de fazer com que ninguém se compreenda, mesmo falando a mesma língua. E posso afirmar que já estamos próximos do instante perfeito, em que todos falarão sem jamais encontrar eco, e onde as duas linguagens que se defrontam, nestas cidade, se destruirão reciprocamente, com tal obstinação, que será necessário tudo se encaminhe para a realização última - que é o silêncio da morte!

HOMEM - A justiça está em que meus filhos não tenham fome e nem sintam frio. A justiça está em que meus filhos vivam. Eu os pus no mundo, numa terra de alegria. O mar forneceu a água de seu batismo. Eles não tem necessidade de outras riquezas. Nada mais peço para eles do que o pão de cada dia e o sono dos pobres. Não é nada e, no entanto, é exatamente o que recusais. E, se recusais aos desgraçados o pão de que precisam, não será com luxo, com belas palavras nem com promessas misteriosas que vos fareis jamais perdoar.

PODER - Cala-te, homem, ou esmago-te a boca! (Atirando o Homem ao chão e podendo-lhe o pé em cima)

HOMEM - Isto é covardia!

Secretária se transforma em Nada.

NADA - Nada é covardia, na cidade dos covardes! (Rindo)

PODER - Escolhei viver de joelhos, de preferência a morrer de pé, para que o Universo encontre sua ordem medida pelo esquadro das potências, repartido entre os mortos tranquilos e as formigas - de agora em diante bem educadas. Paraíso puritano, privado de prados e de pão, onde circulam anjos policiais de asas maiúsculas, saciados de papel e de nutritivas fórmulas, prosternados diante do Deus Condecorado, destruidor de todas as coisas e decididamente devotado a dissipar os antigos delírios de um mundo delioso de mais!

NADA - Viva o nada! Ninguém se compreende mais: atingimos o instante perfeito!

CENA III

Baixa luz. Sobe música "Adágio", enquanto saem atores, mesa e cadeira. Sobre luz em foco sobre Ator X, à D. Ar.

ATOR X - Leva-me longe, meu suspiro fundo,  
Além do que deseja e que começa,  
Lá muito longe, onde o viver se esqueça  
Das formas metafísicas do mundo.

Aí que o meu sentir vago e profundo  
O seu lugar exterior conheça,  
Aí durma em fim, aí enfim faleça  
O cintilar do espírito fecundo.

Aí... mas de que serve imaginar  
Regiões onde o sonho é verdadeiro  
Ou terras para o ser atormentar?

É elevar demais a aspiração,  
E, falhado esse sonho derradeiro,  
Encontrar mais vazio o coração.

Baixa luz e ar. Sobe música. Sai Ator X.

CENA IV

Sobe luz de cor A, sobre plano alto, no centro e ao fundo. Sobre esse plano, eleva-se uma porta (só o marco). Mais atrás, uma tela branca cobre todo o fundo do palco. Sobre o plano, ao lado da porta, um Guardião. Um Camponês vem chegando.

CAMONES - Preciso entrar...

GUARDIÃO- Todos precisam.

- C - Não fujo à regra, então.
- G - Regra é lei... Conheces a Lei, Camponês?
- C - Ela existe... Por ela eu vim... Ela está bem aí, não está?
- G - Sim, está.
- C - Preciso entrar...
- G - Por ora, não!
- C - (Silêncio, perturbação, humildade) Logo mais?
- G - Talvez.
- C - (Sentando-se ao lado da porta) Eu espero, aqui...
- G - Talvez amanhã... talvez depois...
- C - Talvez?
- G - Talvez!

Luz muda para cor B. Camponês sentado noutra posição.

- C - (Aborrecido) Por quanto tempo terei ainda de esperar?
- G - Acalma-te, Camponês! Descansa um pouco mais...
- C - (Levantando-se, já com certa dificuldade) Cansei de descansar! Faz seis meses que deixei minha terra, meu lar...
- G - A Lei é eterna... Às vezes muda mas é eterna...
- C - Eu não sou! Preciso da Lei, por isso vim. Tenho que ter acesso a ela.
- G - Ainda não.

Camponês olha agitado para dentro, aproximando-se da porta.

- G - Se achas que a tentação é maior do que podes evitar, recomendo-te que te afastes, pois não sabes a força do meu poder.
- C - Quem te dá esse poder?
- G - A Lei.

- C - A mesma que me dá direitos?  
 G - É que te dá deveres, também!  
 C - Que deveres?  
 G - Agora, por exemplo, o de esperar.  
 C - E a ti, Guardião da Lei, ela não te obriga a me respeitares?  
 G - Desde que não a infrinjas.  
 C - E até quando... até quando devo esperar?  
 G - A Lei decidirá.

A luz baixa e os atores congelam. No plano ordinário, no centro do palco, põe-se mesa e cadeira, à D e um bando para três pessoas. Toalha vermelha, comprida até ao chão, cobre a mesa. Sobre ela, alguns livros

#### CENA V

Réu entra com candelabro de cinco velas, acesas, colocando-o sobre a mesa. Aumenta luz amarelas delimitando o cenário. À E, uma luz azul, como que entrando por uma janela, ilumina o Algoz que observa os astros.

RÉU - Vês alguma luz, na manhã deste instante?

ALGOZ - Não há luz alguma, senhor... Apenas a noite que insiste e o séquito dos astros que não param.

R - Quanto tempo me resta, ainda?

A - A Grande Cruz já se inclina para a dextra. Quando deitar-se no leito do horizonte...

R - Quanto tempo?

A - Uns quarenta e cinco graus, senhor.

R - É pouco!

A - O suficiente para o cumprimento de um rito... um símbolo. Pois o que acontecerá, aqui, esta noite, será apenas um símbolo...

R - Será a consumação de um ato!

A - Não, senhor. Há de ser apenas um ato confirmando um fato há muito consumado: a tua morte.

R - Palavras!

A - Uma arte que dominas bem!

R - Eu pulso, eu sonho, eu desejo... Eu vivô!

A - Estás morto, senhor, porém não sabes. Aconteceu, quando tiveste o teu primeiro sonho.

R - Que há de errado com os meus sonhos? Um homem é livre para sonhar com o que quiser,, ou com o que puder! Todos são! Também!

A - Eu si. E aproveito-me disso... Mas a questão não são os sonhos: deixados assim, eles se esvaem em sua própria subjetividade. Um sonho, em si mesmo, não é nada... A questão é quando se escreve sobre eles. Se tivesses sonhado em silêncio...

R - Que mundo é este, onde se destrói a única diferença entre o homem e o boi!

A - Destrói-se a diferença, para que não haja mais bois neste Estado.

R - Então é esse o vosso discurso, na tribunas?!

A - E nos púlpitos, também... Tu sabes.

- A - Hipócritas! Malditos hipócritas! Não fazeis outra coisa senão vomitar mentiras que apenas servem aos vossos interesses, arrastando incentes ao patíbulo, sem julgamento!
- A - Nos dias que correm, senhor, todos já estão julgados .
- R - Por quem te tomas, lacaio, cantando a canção dos poderosos?
- A - Não, senhor, nos andares de cima meu cantar não soa. Sou como o tapete do rico que o pobre suja com prazer.
- R - És baixo, rés, à-toa, raso, vão!!
- A - E triste... Triste, porque sem chão.
- R - Ora! Tu pisas o chão dos poderosos...
- A - Deito-me nele, senhor!... E neste, que é o teu, não há lugar para mim. Lá dão-me desprezo, aqui ódio.
- R - Mais coerente é que eles te amassem - e certamente o fariam se conhecessem as possibilidades do amor... Há nesse desprezo uma dignidade que eles por certo não têm! Não compreendo, pois, o que dizes!... Quanto que teu braço abete, mercenário da morte, fica já bem claro porque te odiamos tanto.
- A - Vossos peitos abertos não me diriam nada, não fossem suas lágrimas a me ensinarem, nas horas vagas... Hoje sei porque morrem os homens que mato...
- R - Mas não sabes porque os matas!
- A - Posso entender muitas coisas, senhor, pois tenho a vantagem de ser humilde e não muito instruído.
- R - Por isso, és o que és!
- A - Compreendo,
- R - Eu compreendo porque luto e até porque morro. Sim, o motivo da minha morte está claro!
- A - Só não o aceitas...
- R - Mas é evidente que nenhuma pessoa normal pode aceitar!
- A - É porque, então, não compreendes.
- R - Cínico! Vais querer fazer comigo o mesmo jogo de palavras que eles fazem?!... Uma coisa é certa, amigo:este mundo é frágil como um suspiro, como um espelho... e tu fazes parte dele!... No tempo em que nasci, dobraram sinos... Nasci menino, enquanto o mundo usava saias. Não morri, porque não quis. E não quis desde então... Bricávamos de ciranda, bichinhos de lã, poesia, maldição. Quem pensaria uma guerra eclodida a um palmo das fraldas e das rendas?! Quem pensaria que a morte pudesse morar na mesma rua?!... Uma noite, quando caçávamos pirilampos no vale, os sinos dobraram: era o horror que vinha do lado da montanha, do mar ensanguentado, da cidade desavida em cujas ruas, sobre nuvens de fogo e enxofre, os Quatro Cavaleiros cavalgavam...
- A - A guerra... a Fome... a Peste...
- R - ... e a Morte! E lá não vi nada que não fosse o que defendes!
- A - Eu não defendo nada. Só destruo o que me mandam. E, neste caso... não tem importância.
- R - Passado o horror da primeira infância, não poderia supor que logo amanhã, à primeira barba, a falência desta Pátria madraستا me obriga-



ria a arguntar idéias, para sobreviver!... Começava, então, paramin, uma outra guerra... que perdi... mas não em vão! Porque os despojos que levareis de minha morte são apenas pó, enquanto o meu triunfo será que nunca morrerei completamente: minhas idéias de liberdade e de justiça que elevam o ser humano aos pés de Deus, serão sempre lidas e sonhadas outra vez, poque eu não as inventei: elas são parte da natureza de cada um, são a essência da nossa espécie!... Quanto a vós, herdais apenas o que arruinais!... Seria preciso compreender essas coisas, para me compreenderes. Como não é possível, nada sabes sobre mim.

A - No princípio, quiseste apenas ruminar teu sonho, como um velho boi ao meio-dia... Mas o que dentro te queimava foi mais forte, porque não se oculta uma fogueira no meio da noite. Eu sei... Mas eu não sei a história das tuas estórias, o pavor silencioso de tuas vigílias, as cordas tensas do teu riso... Só sei quem és pelo que choras, não pelo que fazes... E de mim, senhor, o que sabes?

R - Como se me importasse, vós sois todos iguais!

A - Não me incluas, por favor, neste plural infeliz, como quem atira lixo num caldeirão do inferno.

R - Mas é de lá que vens!

A - Mas não sou de lá! Se te importasse, sou dos teus por simpatia e respeito.

R - Mas que teremos então? Uma noite de revelações?

A - Meu braço é o da Lei... Pode ser... Mas eu não a fiz. Só puno quem a infringe, e com uma frieza... quase obscena - admito. Porque não importa! E sabes porque, senhor? Uma das razões é aquilo que dizias: não morreres completamente... Aliás, nestes últimos tempos, todos que caem em minhas mãos parecem ter esse privilégio... Devias ser mais humilde, se me permites, admitindo a grandeza de tua obra.

R - Não tenho dúvidas quanto a isso!

A - Mas ainda te dás importância de mais em relação a ela... Não vês, senhor, que não é mais a ti que eles queriam. De que vale destruírem tua pessoa, se não poderão destruir tua obra? Destruir-te, contudo, será o máximo que conseguirão fazer. Servirá mais como exemplo. Empreendeste uma guerra epistolar... uma guerra fria!... contra o Conselho. Aparentemente o Conselho ignorou... Primeiro uma carta... depois outra e mais outra, numa série infundável de críticas acirradas que caiu sobre eles como um enxame de vespas. Eu li todas elas, nos jornais. Todo o País leu e ainda lê, porque, como se não bastasse, compilaste-as em livro, recém tirada de circulação...

R - Por que eles fingiram ignorar-me? Por que não me fizeram calar, logo no início?

A - Ora, eles tinham um plano que, em outros casos, lhes deu bons resultados: desmascarar-te publicamente, provando que as tuas intenções eram sublevar a ordem para teu próprio benefício. Assim, de defensor de direitos, passarias a pretensão usurpador de poderes... De arauto da justiça e da verdade, a provável tirano sanguinário que quer subir às custas da ignorância dos pobres e de promessas vantajosas que compra a conivência dos ricos... Tue moral, assim, seria uma fraude... e aqueles que te aplaudiam seriam os teus carrascos... Era só uma questão de jogar-te aos cães... Deram-te corda suficiente para que te enforcasses, mas foste ~~XXX~~ persuasivo demais, tocando em feridas tão profundamente ocultadas, que os enredaste na extremidade oposta da mesma corda. Como, porém, o Estado não morre, quem deve morrer és tu... Por outro lado, não poderiam ter-te calado logo no início, por falta de justificativa perante o público... Afinal, teu nome era citado e reverenciado em todos os meios sociais, principalmente os mais vigiados. E devo dizer-te, senhor, que tens a admiração até de certos membros do Conselho, que, ao invés de maquinarem o teu silen-

8  
cio, entregavam-se visivelmente ao deles. Em muitas reuniões, nada se decidiu contra ti, por causa disso... Sim, sem dúvida, criaste uma situação muito embaraçosa para o Estado, senhor! Assim, quando assinaste tua primeira carta contra o Conselho, assinaste ali tua condenação. Foi só uma questão de tempo.

R -Mas como pretendem justificar agora a minha, se nada conseguiram provar contra mim? Não se dão conta de que me farão mártir?!

A -Não do Estado, mas de tua própria loucura. Um "suicídio" lançará ao descrédito e ao esquecimento qualquer um que, como tu, se tenha empenhado tão calorosamente em defender a vida... É o que eles pensam.

R -Podiam ter feito isso, antes.

A -É um método usado raramente, só em casos extremos. Imagina se, de repente, todo mundo começasse a "suicidar-se"...

R -E se eu lutasse contigo? Haveria um escândalo e todos ficariam conhecendo a verdade, pois um suicida na quebra tudo à sua volta.

A -Eu me confessaria um criminoso comum, simulariam a minha prisão e tudo estaria explicado... Isso se não fosse possível fazer-se o que é de praxe.

R - E o que é de praxe?

A - Se pudesses voltar da morte, não reconhecerias mais este local.

R -E meus parentes?

A -Sabemos que és um homem solitário. Mas, se os tivesses, não seriam esquecidos... Contudo... não vamos lutar!

R -Por que tens tanta certeza?

A -Porque estás a um passo da sensatez, senhor... (Consulta o céu) Verdadeiramente, nada sabes sobre mim. Não cultuo esta "paz" que se cola à nossa nuca e nos curva para a frente, com a servilidade de bois na canga. O que os poderosos chamam de "viver em paz" não é vida para o povo, é apenas um tipo de agonia.

R -Pois foi isso que eu sempre combati. Lutei por mudanças verdadeiras, por uma paz verdadeira. De que vale um povo silencioso e trabalhador, por decreto?! Isso não é paz, porque também não é felicidade! Sonhei com mudanças desse tipo... e imediatas... para que um dia os sinos não tivessem de repicar outra vez... E agora eles te enviam a mim, como um anjo de asas maiúsculas, para fazer-me calar. Mas "o que escrevi, escrevi"!

A -E eles lavam as mãos.

R - Eles são pó!

A -Também tu, senhor, no amalgama do Estado... Os homens que andam no tombadilho do navio, podem tomar qualquer direção, ate mesmo o rumo da popa. Mas esse conjunto desordenado de movimentos avança sempre para diante, inexoravelmente, com o navio que busca seu destino na imensidão do mar. E não há força nas águas ou nos ventos que o faça retornar... (Pausa) Se tuas idéias tomassem a forma que eles previram, em pouco tempo teríamos uma revolta e a provável queda do governo...

R -Mas é tudo o que queremos! E um governo que seja do povo!

A -O atual também era. E só não se ensanguentaram as paredes quando ele assumiu, porque estávamos em outra página da História. Mas hoje, se-

nhor... hoje, aqueles sinos ceramnete repicariam...

R -Será que eu me calando eles também se calam? E foi por isso que o Conselho te enviou?

A -Não. Minha vinda é a garantia deles no poder!... Tu e os que lutam ao teu lado tendes razão... Eles e a "corte" que os apósis também têm. Cada um dos lados puxa a corda para si, defendendo o que julga ser verdadeiro ou transformando mentiras em verdades... Por um momento puxaste com mais força do que esperavam, e tiveram que reagir... Esse jogo sem fim é que mantém o equilíbrio dos estados e é assim que, embora lentamente, acontecem as mudanças no poder... O que me parece que vos falta ver, tanto os que defendem a situação quanto vós outros que aspirais mudá-la, é que a coisa é natural... e que nós,, todos nós fazemos parte desse amágama, memo que não pensemos nisso... Esse é o outro motivo por que minha função aqui não tem importância.

R -Belas palavras, mas quem vai morrer sou eu;

A -Não haveria de ser o Estado!

R -Os poderosos do Conselho não são o Estado! Foi contra eles que eu sempre combati!

A -Não são mas beneficiam-se de sua sombra. O que sei é que todo mundo, de diversas maneiras e interesses variados, defende a mesma bandeira. Pode-se até queimar uma bandeira no alto de um mastro... mas não no coração dos homens... Todos a amamos! Por ela morrem alguns e é por ela que eu os mato. Assim, quitamos as diferenças... e os sinos se calam... (Consultando os céus) Senhor, a Cruz já se deita na linha do horizonte:... amahece.

Um violino, ou um celo, começa a chorar no fundo.

R - Esperei tanto pelo nosso encontro, pois tinha certeza de que havia muitas coisas a te dizer... a te ensinar... como quem, embora sem esperança, tentasse lançar sementes em terra árida. Contudo, sem nada dizer, tudo está dito... Estou contente por teres vindo, esta noite!

A -Quando relermos os teus livros, na penumbra das madrugadas proibidas, ou os "esquecermos" entre os brinquedos de nossos filhos, ainda serás tu que nos estafas ensinando.

R -Apaga as velas, amigo: já vislumbro uma luz maior..(O Algoz se dirige para o candelabro e começa a apagar as velas, lentamente, durante quase toda a fala ou toda. Enquanto isso, vai baixando a luz amarela e aumentando a azul que vem da "janela", banhando toda a cena) Quando eu me fizer rio, estrela, pó, poderão dizer que só cantei o que me foram sonhos... que não fui prático e só fui mortal... que fui procedido como por milagre mas não dei procedência como sói... Que nem mesmo sabem se fui!... Contudo, o que serei não lhes dirá respeito! Hei de parecer apenas um outono de lembranças esquecidas, paradoxo, agonia de não-ser, de não-ter-sido, rondando a vidraça, querendo morrer-me outra vez... Não faz aml... (Pausa) Eu estou pronto.

A -Não temas, tu que caminhaste sobre as águas como sobre palavras de lípido cristal. Teu sangue fluirá nas raízes da terra que nasceste, viveste e renasceste amanhã de manhã, quando as crianças respiram hulha e mar... Porque amamos a Pátria que nos pariu!... Porque a somos, em sua velhice - esta velhice sempre renovada que ela nos é... (Abrindo os braços) Abraça-me, senhor! (O Algoz abraça o Réu que se acomoda em seu regaço. O Réu tem um tremor e morre)

Baixa a luz, congelando-se essa cena. A música continua.

CENA VI

Luz azul sobre a cena do plano elevado. A música da cena anterior continua por toda esta. Camponês, noutra posição, velho, doente, cansado...)

CAMPONES:-Quantos anos, Guardião!

GUARDIAO -Quantos anos, Camponês!

- C - Já não sou mais um camponês... Nem sei o que sou... Um mendigo, talvez, suplicando à tua porta.
- G - Esta porta não é minha.
- C - (Recordando)A Lei!... Quando deixei meu lar, ainda tãõ jovem, atravessei desertos e florestas, para chegar aqui... Tinha tanto entusiasmo no coração, tantos sonhos de ser feliz...
- G - Por que não voltas, camponês?
- C - Não tenho para onde ir. Se voltasse, não seria volta... (Voltando à realidade)Além disso, eu preciso da Lei. Sem ela, o que seria eu? (Dá-lhe a última coisa que tem) Por favor, deixa-me entrar!
- G - Recebo o que me ofereces, só para que não te acuses de não ter tentado alguma coisa.
- C - E eu tentei?
- G - Se tentares mais que isso, poderás morrer.
- C - Se não tentar, certamente morrerei.
- G - A escolha é tua...
- C - Não tenho mais forças. (O Camponês estende o braço para o Guardião. Esse, curvando-se sobre o Camponês, apóia-o em seu joelho) Por que, Guardião, durante todos esses anos, ninguém procurou entrar por esta porta... somente eu?
- G - Esta porta foi feita só para ti. Cada um tem a sua para transpor ou para tentar...Esta porta é o teu sonho!

Camponês morre.

- G - A Lei não tem fim em si mesma, a menos que sirva a interesses de alguns. Mas a boa Lei só visa a Justiça que é o benefício de todo Homem. Quando, porém, a Lei é má, em vez de servir é senhora, tornando a Justiça um sonho apenas sonhado... (Levantando-se)Teu sonho acabou.

Permaneçe a Luz azul. Os atores congelam. A música continua.

CENA VII

Luz azul sobre a cena do centro do palco, antes congelada. Comparadas ambas as cenas, as luzes vão diminuindo até apagarem. Música continua.Saem os Atores, tirando-se a porta, mesa, cadeira e banco.

CENA VIII

Ilumina-se a tela, ao fundo, projetando-se sombras de cruzeiros sobre ela, lembrando um cemitério. Luz em foco sobre Ator X, à E. Ar. A música anterior continua.

ATOR X - Na quinta, entre ciprestes,  
Secaram todas as fontes,  
As rosas brancas agrestes,  
Trazidas do fim dos montes,  
Vós mas tirastes, que as destes...

No rio, ao pé de salgueiros,  
Passaram as águas em vão.  
Com tristezas de estrangeiros,  
Passaram pelos salgueiros  
As ondas, sem ter razão.

Este cemitério parido pela lua,  
Entre duas vagas de negrume sidéreo,

Arquipélago da memória, este cemitério  
Vive de ventos doidos e espíritos caducos...

São trezentas covas rasas, postas lado a lado,  
Para trezentos mortos que a terra recobre,  
Corpos de mistério, sob cruzes sem nome -  
Extinta a terra e o homem eclipsado...

Os desconhecidos saíram da prisão,  
Com chapéus de ausência e pés sem sapatos.  
Não tendo mais nada a esperar de fato,  
Os desconhecidos morreram na prisão...

O cemitério deles é um lugar sem razão.

Luzes e música baixando em resistência. Blecaute. Silêncio.

FIM